

Rotina: *dia a dia* marcado pela superação

Suzana Serviam

AFRANGEL

CAMPO GRANDE - OUTUBRO DE 2015

EM FOCO

Em_Foco_2015_AFRANGEL_01_Costurado.pmd

“Vamos falar sobre a Associação Franciscana Angelina”. Essas foram às palavras que nosso professor usou para sugerir a pauta deste jornal. Eu não sabia do que se tratava a instituição, fiquei na redação enquanto minhas colegas e o professor foram visitar a Associação. No retorno da visita minha amiga Vanessa Ayala disse: “Suzana que lugar lindo, de paz. Tem um monte de crianças lá.” Eu a interrompi e disse: Sério? Fiquei entusiasmada e logo marcamos o dia da visita para que eu também pudesse conhecer.

Levantei da cama, me arru-me e as 7h30min já estava no carro procurando a associação. Nesse momento vou parafrasear minha colega de profissão Paula Vitorino que diz na página 15, do livro Amor Independente de Sangue: “Sem placas, faixas ou qualquer outro tipo de sinal que indique logo na entrada que ali funcionava o Lar das Crianças com AIDS, a chegada até o local é uma descoberta”.

Entrando no estacionamento vi bem na frente do portão da casa oito pessoas, e dois bebês. Pensei que a recepção era para mim, mas não. Elas estavam aguardando o ônibus para receber a criançada. Enquanto não chegavam pude me apresentar, conhecer os bebês e tirar algumas fotos. Todas foram muito receptivas.

Quando o ônibus chegou, pacientemente as crianças eram tiradas uma a uma. Os pequeninos ficavam me olhando, mas não era porque não me conheciam, algo que estava em mim chamou mais atenção que eu. Eles desciam e eu continuava a observá-los, registrando todos os momentos.

Todos desceram e foram direto tomar o café da manhã, sentadinhos me olhavam curiosos para saber o que aquilo fazia quando eu olhava por ele, apertava alguma coisa e saía um barulho. Depois do café foram para um salão onde tinha uma casinha, escorregador e uma caixa com vários brinquedos. Ali uns brincavam durante o tempo que as educadoras levavam outros para o banho.



Foto: Suzana Serviam

Boas vindas - Na frente da instituição, educadores aguardam entusiasmados a chegada das crianças com uma recepção calorosa

Aos poucos eles iam se aproximando de mim, e como quem não quer nada chegavam pertinho sempre com um brinquedo. Primeiro o telefone, falava alô, voltava na caixa e pegava o cavalo e me mostrava que aquilo era um cavalo.

Depois de algum tempo me mostrando vários brinquedos eles devem ter pensado “agora é minha vez de descobrir o que ela carrega” Então o garotinho lindo, com a voz rouca perguntou-me: “o que é isso?” Eu como quem não quer nada disse: é uma câmera, faz uma pose. Estavam encantados, pediam que tirasse foto toda hora, e quando ia tirar foto de um surgia mais dois. As poses eram variadas, e eu adorei.

Fiquei o dia todo na casa e tive vários momentos de descontração. Mas, um momento em especial mexeu comigo. Na brinquedoteca havia quatro crianças de mais ou menos dois anos e meio, eles brincavam em um playground quando uma menininha caiu e acidentalmente cortou a gengiva. Quando vi disse a educadora dela e logo as duas foram ao banheiro.

Naquele momento passou por minha cabeça “e se essa menina tiver AIDS? E agora o que eu faço? Não brinco mais? Será que vou pegar também? Fantasiei várias hipóteses em minha mente e acabei tendo uma atitude preconceituosa, mesmo que por um segundo e só nos meus pensamentos.

Mal sabia eu que AIDS e HIV não são a mesma coisa, e que a transmissão do vírus através do sangue só ocorria se eu tivesse algum machucado exposto. Descobri isso conversando com a assistente social do lar, que também tinha medo, mas se abasteceu de conhecimento.

A cura para o preconceito é a informação. Somos seres humanos e estamos condicionados ao erro, afinal não sabemos de tudo.

Em um dia aprendi muitas coisas com as crianças e os colaboradores da instituição. Foi uma injeção de animo para mim. Obrigada a todos que nos receberam e a propósito o almoço estava uma delícia!





Cidadania combate as desigualdades

Sair da redação com ar condicionado e enfrentar o dia a dia da profissão foi um dos desafios colocados para os acadêmicos da redação do Em Foco. O segundo desafio foi passar um dia convivendo com crianças que na mais tenra infância são obrigadas pelo destino a viver e a conviver com a o vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids). No primeiro contato que fizemos com as Irmãs Franciscanas Angelinas fomos bem recebidos e, depois disso, fizemos nossa reunião de pauta para que o material pudesse ser produzido no período de um dia.

É importante observar que os textos que o leitor tem pela frente foram produzidos não dentro das normas da imparcialidade, mas dentro de uma dinâmica dos afetos. Não é possível ir à campo coletar informações para produzir uma reportagem sem se contaminar e se emocionar com os exemplos de superação e de vida de cada uma das crianças e dos funcionários que fazem da Afrangel, uma referência no atendimento e no cuidado às crianças portadoras do HIV. Esperamos que os textos que fazem parte deste jornal possam, de alguma forma, tocar o sentimento dos leitores para que, dentro do possível, possam contribuir para que exemplos desta magnitude não venham a cair no esquecimento e posteriormente sejam abandonados por falta de envolvimento da sociedade. Ler um texto produzido por um estudante de jornalismo, é permitir que o sentimento destes futuros profissionais nos afete e nos modifiquem. Em outras palavras que sejamos contaminados pela realidade, assim como eles foram contaminados pela vida das crianças que vivem e convivem com a Aids.

E as flores foram enfeitando meus cabelos...

Vanessa Ayala

“Tia, tia... deixa eu colocar essa flor no seu cabelo?” e aqueles olhares curiosos e doces me cativaram. Parei e refleti. Tive a certeza que estou no caminho certo.

O jornalismo cada vez mais vem me conquistando. Nesses primeiros passos como aspirante a jornalista pude ver o quão vasto e importante é o papel que me proponho a desempenhar. Contar histórias e através delas poder fazer a diferença na vida de alguém é algo que me fascina!

No mês de agosto tive o prazer de visitar um lar cheio de vida, que desempenha um nobre papel no tratamento e na luta diária de crianças que vivem e convivem com Aids, a casa das Irmãs

Angelinas Franciscanas.

O poder transformador da solidariedade foi algo que me marcou. Na maioria das vezes nos fechamos em nossos próprios mundinhos e não percebemos a insignificância de nossos problemas diante de outros tão maiores. A visita ao lar me serviu de lição, observando o dia a dia daquelas crianças, tão pequeninas, desfavorecidas em suas condições, tanto financeira, como de saúde, me ajudou a enxergar que suas vidas podem ser melhores e se transformar através de gestos de amor. Mesmo passando por tantas dificuldades, não perdem aquele sorriso e a alegria. É bonito observar uma criança, elas conseguem aproveitar ao máximo do dia e conseguem demonstrar gestos simples de afeto que nós adultos às vezes perdemos no decorrer da vida.



Afeto - Gentileza gera gentileza...

Conheci cada cantinho, cheirinho e cada sorriso com dentes ou sem, que me mostraram a pureza que só as crianças sabem ter. Elas amam a vida e me ensinaram que é preciso ter um pouco mais de esperança, que posso contribuir para que o mundo, através de pequenos gestos de solidariedade, seja melhor.

Crianças ensinam lições de vida e superação

Maria Vitória Chaves

Viver com o vírus HIV não é fácil, são muitos os cuidados que eles devem ter para conseguirem manter uma rotina mais próxima possível do normal. Quando falamos de Aids, certo pânico surge dentro de nós e não há vergonha nisso, já que é um vírus que nos debilita de alguma forma. É normal se assustar. A pouca informação ajuda ainda mais a intensificar o preconceito. As crianças do Lar das Irmãs Angelinas recebem todo o tipo de apoio necessário para não perder a motivação. O projeto sobrevive de doações, já que não possui fins lucrativos, ou seja, o trabalho voluntário é fundamental para que as crianças recebam a assistência necessária.

As crianças e jovens que frequentam a Afrangel precisam de acompanhamento médico, psicológico e fisioterapêutico. É muito importante o traba-

lho realizado por esses profissionais, entretanto, muito custoso. A importância do lar na vida dessas pessoas não pode ser estimada. São crianças que vêm de uma realidade muito mais difícil do que estamos acostumados e com a ajuda das irmãs eles acabam tendo alguma chance de melhorar não só a qualidade de vida, mas também, seu caráter. No recinto há educadores pedagógicos que ajudam as crianças que já frequentam a escola com o dever de casa e todo o acompanhamento escolar, o que garante um futuro melhor para cada um deles. Há também, profissionais que cuidam da recreação e do berçário, o que os ajudam a se socializar com outras crianças desde cedo, algo que pode se tornar complicado por causa da condição de cada um, mas desde pequenos eles são ensinados a entender a doença.

Os benefícios trazidos pela instituição das irmãs não são exclusivos das crianças e dos jovens que a frequentam.

Como é um ambiente específico para quem vive e convive com a Aids, os familiares no geral também acabam sendo beneficiados, por exemplo, as lições de aceitação contra o preconceito são levadas para os lares desses jovens e repassadas a outras família involuntariamente. A Afrangel atende, em média, 50 crianças e cada uma delas possui uma história diferente e um porquê de estar ali. As irmãs convivem com a realidade deles diariamente e usam isso como motivação para fazer a diferença na vida deles e nunca desistirem, apesar das dificuldades de manter um lar apenas com doações, elas entendem a necessidade do projeto e por isso continuam até o final.

Foi necessário apenas uma tarde para aprender que a cura do preconceito é o conhecimento sobre a doença. O lar cuida de pessoas, que apesar de muito pequenas, me ensinaram grandes lições sobre como superar qualquer obstáculo que a vida possa apresentar.

Associação ajuda crianças que vivem e convivem com o HIV

Informação: a cura para o preconceito

Suzana Serviam

Desinformados acham que o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) são a mesma coisa. Os desinformados acham que o HIV é transmitido facilmente. A falta de conhecimento leva ao preconceito afetando tanto os soros negativos (aqueles que não têm o vírus) quanto os soros positivos (aqueles que têm o vírus).

O HIV é um vírus. Aids é uma doença gerada pelo vírus. Não é possível pegar HIV pelo suor, abraço, beijo, uso do mesmo copo, talher, assento, sabonete, toalha. O contágio se dá através da transmissão vertical que é de mãe pra filho durante ou após o parto, relações sexuais sem preservativo, uso de seringas compartilhada e através da transfusão de sangue.

Isso significa que você não será contaminado se o soro positivo sangrar o nariz, ou cortar o dedo. A contaminação ocorre quando há cortes profundos de ambas as partes. A assistente social Juciele Costa, 22, da Associação Franciscana Angelina (Afrangel) conta: “É muito forte a questão do pré conceito, as pessoas tem receio de abraçar, beijar. São pessoas normais e nada os impede de se relacionar desde que se previnam. Eu mesma tinha muito preconceito até eu me informar e ver que não é por aí. Hoje estou fe-

liz por trabalhar aqui na instituição, a gente não vai mudar o mundo, mas se o pouco que fazemos mudar o pensamento de algumas pessoas, então já valeu a pena.”

Informados vivem e convivem com o HIV, pois sabem que o vírus não tem cara. Pensar que o magro, desidratado, mal cuidado é HIV é pura imaginação. O amigo, a esposa, o parente pode ser soro positivo sem você saber e ele tem o direito de não querer contar.

Desrespeitar é proibido! A psicóloga Verônica Rozisca afirma que “O fato da sociedade querer identificar quem é soro positivo, querer tratar a pessoa como diferente é a pior coisa que pode ser feita. Essas pessoas precisam ser tratados com respeito e dignidade”, comenta Verônica.

Todos os dias a Associação Franciscana Angelina (Afrangel) recebe crianças que não pediram para ter o Vírus da Imunodeficiência Humana, mas herdaram. Quando ela passa se questionar, transtornos surgem. O lar das crianças que vivem e convivem com HIV distribui atenção, carinho e amor. As irmãs e os colaboradores dão o amparo necessário para esses pequenos aprenderem a viver e a conviver com o vírus.

HIV ainda não tem cura, tem tratamento para impedir que o sistema imunológico se enfraqueça e chegue até a doença Aids. Mas uma coisa tem cura: o preconceito. E, a cura para o preconceito é a informação!



Foto: Suzana Servian

Amor - Crianças precisam ser tratadas com respeito e dignidade pela sociedade



Segurança - Voluntários cuidam com carinho de crianças da Afrangel

Dedicação e amor

Vanessa Ayala

Raiou o dia e as portas do Lar das Irmãs Angelinas Franciscanas já estão abertas para a chegada das crianças. Lá elas desenvolvem atividades e são monitoradas por cuidadoras, professoras, técnicas de enfermagem, psicólogas e toda uma equipe que desempenha papel fundamental para manter o lar funcionando.

A nossa primeira visita foi no berçário. Lidiane França de Amorim, cuidadora social no lar, relata um pouco sobre o dia a dia com os bebês. Geralmente são oito crianças que ficam o dia todo, chegam às 7h30min e ficam até às 17h. O dia começa com o banho, em seguida é a hora da mamadeira e durante o resto da manhã as cuidadoras fazem atividades com brinquedos para trabalhar a coordenação motora dos pequeninos. As atividades são variadas, tem o dia no parquinho onde tomam sol, deitam na grama e aproveitam bastante. O almoço é servido às 10h, e depois do almoço eles dormem, uma rotina que é seguida de segunda a sexta.

As cuidadoras desenvolvem o verdadeiro papel de mãe, o carinho entre elas e os bebês é evidente. As crianças carecem do afeto, que acabam encontrando no colo das cuidadoras, necessidade que às vezes não é suprida pelos pais.

Caminhamos por cada canto do lar e pudemos ouvir relatos dos mais variados como da Ivanilda Maria dos Santos que trabalha na Afrangel há 05 anos. A tia Val como é chamada pelas crianças, é responsável pelos momentos mais gostosos do

dia. Cozinha de mão cheia prepara desde o café da manhã até a última refeição, o lanche da tarde, momento em que as crianças estão se preparando para voltar para suas casas.

O cheirinho da pra sentir de longe. Tia Val logo cedo coloca a mão na massa, literalmente. “As crianças adoram a hora da merenda, muitas delas só se alimentam no lar, por isso faço o que eles mais gostam de comer. Legumes e verduras sempre estão no cardápio, mas quando é dia do bolo de chocolate, ai eles fazem a festa”, comenta.

As 11h a van já vai se preparando para mais um trajeto às escolas de Campo Grande. Seu Oswaldo de Almeida, motorista da Afrangel desde 2007, conta um pouco sobre o papel que desempenha dentro da instituição. “Além de ser o motorista faço de tudo um pouco. É o meu prato cheio, gosto muito de crianças. Durante todos esses anos de trabalho passaram várias crianças por nós e o mais gratificante é quando moças e rapazes que convivem com a gente voltam para nos visitar e agradecer. Não existe dinheiro que pague”, comenta.

Será que realmente enxergamos a vida de forma correta? Estou contribuindo para ajudar alguém? São perguntas que me fizeram perceber que o que está faltando no mundo é a doação aos demais.



Em Foco – Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano XII - nº 176– Outubro de 2015 - Tiragem 2.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Dr. Gildásio Mendes dos Santos
Reitor: Pe. Ricardo Carlos
Pró-reitoria de Graduação : Conceição Aparecida Butera
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori

Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de Almeida
Pró-reitoria de Pastoral: Diácono João Victor Ortiz
Pró-reitoria de Desenvolvimento: Me. Gillianno Jose Mazzetto de Castro
Pró-reitoria de Administração: Ir. Herivelton Breitenbach

Coordenador do curso de Jornalismo: Oswaldo Ribeiro da Silva

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108. Cristina Ramos DRT-MS 158

Revisão, edição de títulos legendas e fios: Suzana Serviam, Ellen Prudente e Ranziel Oliveira.

Repórteres: Suzana Serviam, Vanessa Ayala e Maria Vitória Chaves.

Projeto Gráfico: Designer- Maria Helena Benites
Tratamento de imagens: Maria Helena Benites

Diagramação: Jacir Alfonso Zanatta

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS.
Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735
EmFoco On-line: www.emfoco.com.br
E-mail: ojornalismoucdb@gmail.com

Para conseguir ajudar as crianças, o lar conta com ajuda financeira, doações de alimentos, roupas e brinquedos

Um por todos e todos por uma causa

Vanessa Ayala

Sabe aquela sensação de paz interior? De tranquilidade? Aquilo que você só encontra quando se sente acolhido? Pois bem, isso é o que você sente quando conhece o Lar das Irmãs Angelinas Franciscanas, a Afrangel, aqui de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

O lar é responsável por cuidar de crianças que vivem e convivem com o HIV. As crianças têm entre três meses e 12 anos de idade e recebem os cuidados ainda na barriga da mãe. Desde a gestação a mãe soropositiva precisa ter o cuidado para que o vírus não entre em contato com o bebê. É possível ainda no útero negativar o vírus e a criança nascer sem a doença, porém o tratamento é essencial para que isso aconteça. E o trabalho das irmãs é trazer essas mãezinhas para que façam um tratamento adequado a fim de prevenir ou aprenderem a lidar com a doença dos filhos.

Segundo uma pesquisa realizada em 2014 pelo Ministério da Saúde já foram diagnosticados mais de 10 mil casos de Aids em crianças no Brasil. O vírus ataca o sistema imunológico e uma das principais causas de morte é a negligência no tratamento. Ainda hoje a pessoa soropositiva é tratada com discriminação e a preocupação no caso de crianças portadoras da doença é redobrada já que a sociedade não está preparada para lidar com o assunto.

Há mais de 15 anos fazendo um trabalho belíssimo no cuidado de pessoas com Aids, gesto de solidariedade e amor ao próximo, as Irmãs Angelinas Franciscanas assumiram a frente do lar em 1999, que antes funcionava em regime de abrigo. Desde então, vivem para a casa que possui a sua própria sede no Bairro Jardim Seminário. Conversamos com a Irmã Madalena Aparecida da Silva, que desde 2008 é a responsável pelo lar, e que nos contou um pouco sobre o processo de admissão das crianças na casa.

“O primeiro passo para a entrada da criança na Afrangel é o envolvimento de toda a família no processo. Tarefa difícil em alguns casos, pois é comum encontrar quadro de familiares muito carentes, usuários de bebidas e drogas ilícitas, o que dificulta o fortalecimento de vínculo entre o lar e a família das crianças”.

São mais de 50 crianças. A estrutura é preparada para receber desde crianças no berçário até as séries primárias. O acompanhamento é gratuito. As crianças desenvolvem atividades escolares, recebem cuidados no campo da saúde e alimentação.

O tratamento também deve ser feito em casa, é importante o apoio da família. São feitas reuniões onde a casa promove a conscientização. É falado principalmente sobre o cuidado e higienização. Nos primeiros anos as crianças não questionam por que tomam o remédio, porém a partir dos 12 anos as perguntas começam a surgir. Revelar à criança a sua condição é extremamente complicado. A família deve estar unida. Esta conversa “esclarecedora” geralmente é feita na presença dos pais, da psicóloga do lar e das irmãs.

O cuidado máximo é preparar estas crianças para que elas aprendam a se cuidar da melhor forma possível, sozinhas. Isso porque quando as mesmas completam 12 anos de idade é necessário que a criança seja desligada da instituição. “É preciso ensinar as crianças a cuidarem de si mesmas, para conseguirem viver da melhor maneira possível”, diz a Irmã Madalena.

Solidariedade, apoio e divulgação são três palavrinhas simples, que se tornam mágicas e fazem toda a diferença, quando o intuito é o bem. A Afrangel ainda existe graças aos benfeitores, que contribuem com a casa. “O povo campo-grandense é muito generoso, graças a eles adquirimos muitas coisas, inclusive um ônibus. Agora podemos levar e trazer as crianças de suas casas com segurança e mais conforto”, diz a Irmã.

A UCDB também é uma grande aliada da Afrangel, sempre ajudando com alimentos. Porém, a casa ainda enfrenta uma séria de barreiras, pois o lar sobrevive apenas de doações.

“Existem muitas despesas com funcionários e agora com a aquisição de um ônibus para levar e buscar as cri-

anças é complicado conter os gastos, somos gratos por aquilo que recebemos, mais ainda precisamos de ajuda”, relata a irmã Madalena.

Além da ajuda financeira, o lar recebe doações de alimentos, roupas, brinquedos, entre outros. O voluntariado também é valorizado dentro da instituição. “Precisamos de pessoas que tenham amor pela causa, pois as crianças precisam de carinho e cuidado diariamente. Elas acabam se apegando a nós, por isso precisamos dar o nosso melhor”, ressalta.

A Afrangel, já passou e passa por uma série de dificuldades, porém continuam de pé. Tudo que precisam

é de gestos de amor e apoio para poderem continuar este belo trabalho. E você pode contribuir para mudar a história de muitas crianças que vivem lutando diariamente pela vida.

“Sonhos a gente tem de monte, um deles é ter a família mais próxima da gente, ter uma fisioterapeuta também é uma grande necessidade da casa. São muitas coisas que faltam, porém agradecer é essencial. E, a maior benção que podemos receber é ver as crianças que saíram daqui transformadas em pessoas de bem, saudáveis, trabalhando, estudando e o principal: com alegria de viver”, comenta Irmã Madalena Aparecida da Silva.

Você pode transformar a vida destas crianças

Sua doação é importante para fortalecer esta corrente de amor e dar continuidade a todo o cuidado e orientação que estas crianças recebem.

Doe dinheiro, alimentos, materias escolares, de higiene ou de limpeza.

Mais informações em (67) 3365-0590.

AFRANGEL Associação Franciscanas Angelinas Lar das crianças com Aids

Empenho e força de vontade são requisitos para fazer o bem

Uma história de dedicação

Maria Vitória Chaves

Parecia loucura encarar a ideia de fundar um lar que cuidasse de crianças portadoras do HIV em Campo Grande. Maria Aparecida Rosa não pensava assim, acreditou no projeto desde o começo e decidiu mudar vidas, tomou a iniciativa de criar uma instituição com esta finalidade. Para dar os primeiros passos em prol da nova entidade, ainda não criada, Maria buscou apoio no grupo Evangelização 2000, que fazem parte do movimento de Renovação Carismática Católica Apostólica Romana. A maioria das pessoas declinava o convite de uma parceria, pois não queriam se envolver em um projeto tão trabalhoso quanto este. Por insistência de Maria Aparecida, eles acabaram por ajudar na causa.

Após concordarem em seguir com a ideia, os primeiros passos para a fundação da entidade foram dados. Foi realizada uma reunião, onde decidiram a diretoria e elegeram Maria Aparecida Rosa como presidente, e então sua utopia recebeu o nome de: Associação de Apoio a Portadores de Aids – Esperança do Senhor (AAPAES), nome que durou até 2007.

Com um local adequado e todos os documentos dentro dos conformes, ainda faltava toda mobília, produtos de lim-

peza, alimentos e roupas. Começou uma campanha em busca de doações por todas as igrejas, grupos católicos, programas de rádio e até televisão. Pouco a pouco as doações foram aparecendo e nada era recusado pelos voluntários, e para comprar aquilo que ainda não haviam recebido, eram organizadas “feiras de Pechinchas”.

Foram abertas as portas da AAPAES no dia 27 de setembro de 1996. A instituição foi inaugurada com uma missa em celebração. Depois de tanto trabalho e correria, Cida via seu sonho se tornando realidade.

Agora, Campo Grande tinha uma entidade para atender pessoas que viviam com HIV/Aids. Não demorou muito, a notícia se espalhou entre os próprios soros positivos e hospitais. Em pouco tempo, a instituição já havia atingido sua capacidade, mas junto com os portadores vieram suas necessidades também. O salão dos fundos acabou se transformando em uma enfermaria.

Maria conta no livro “Amor independente de sangue: a história do lar das crianças com HIV” de Paula Vitorino, que o sonho original era atender adultos e crianças, mas a falta de estrutura impossibilitava o atendimento. A dificuldade não era apenas suprir a necessida-



Zelo - Afeto e ternura integram o cuidado dos profissionais com as crianças atendidas



Cuidado - Resultado da união e do trabalho das irmãs Franciscanas Angelinas

de dos doentes, mas também, a manutenção do local. A maioria dos voluntários trabalhava e a limpeza era revezada entre apenas quatro pessoas.

Sobreviviam principalmente de doações, já que o governo e a prefeitura não contribuíam para comida ou para manter a casa. Com o passar do tempo, alguns voluntários começaram a exigir salários, o que dificultava ainda mais manter o lar.

Fora o tratamento e atendimento que a casa prestava, a entidade também mantinha um cadastro com 109 famílias que possuíam um membro soropositivo. Voluntários visitavam as residências todo mês para entregar cestas básicas e oferecer qualquer tipo de auxílio que fosse necessário.

Ainda no ano de 1997, Maria Aparecida segue para Campinas para fazer cursos e passa três dias escutando palestras e coletando material sobre a Aids. Quando chegou de viagem, passou a informar e ajudar pessoas. Durante o ano de 1998, a sede continuava lotada de adultos, mas já abrigavam duas crianças, ambos bebês e filhos de mães soropositivas, portanto, consideradas expostas ao vírus HIV. Com a chegada das crianças na casa, Maria Aparecida não achou que seria boa ideia mantê-las no mesmo ambiente que adultos com doenças infecciosas. Então, foram atrás de outra sede, para atender somente as crianças. Era mais um desafio enfrentado pela instituição.

Foi por mais de um ano que a instituição conseguiu manter as duas casas, mas as dificuldades de manter a limpeza e as contas em dia resultou no fechamento da primeira sede. A partir de então, a instituição passou a atender somente crianças

e o atendimento para os adultos passou a ser prestado em suas residências, junto com as outras 109 famílias assistidas pela instituição.

Por problemas de saúde e financeiros, Cida e o pessoal da diretoria decidiu encerrar definitivamente qualquer atendimento realizado na casa dos adultos, mas para não desampará-los totalmente, foram encaminhados para uma instituição em Campinas. O que sobrou do serviço prestado na casa dos adultos foi encaminhado para a casa das crianças, onde continuou o trabalho da AAPAES.

Em busca de alguém para assumir a responsabilidade do lar, Maria Aparecida contactou o arcebispo de Campo Grande, Dom Vitorio Pavanello, que indicou as irmãs que pertenciam a Associação Franciscana Angelina (Afrangel).

Pouco a pouco a direção da entidade foi passada para as irmãs Angelinas que já trabalhavam com crianças antes, por isso a adaptação delas na supervisão da instituição seria fácil. Dia 2 de fevereiro de 1999 foi inaugurada a casa da Afrangel em Campo Grande. Em 2001 as Irmãs Franciscanas assumiram a direção da entidade e dois anos depois.

Hoje, depois de quase 20 anos, a Afrangel não atende somente crianças que são soropositivas, mas também crianças que convivem com o vírus. São cerca de 50 crianças atendidas no local e 100 famílias com algum membro que vive com o vírus HIV.

Registro de uma infância marcada por superações

Lembranças de um dia inesquecível

AFRANGEL

Suzana Serviam

Nossa equipe passou o dia com as crianças da Afrangel, acompanhando desde a chegada até a hora de ir embora. A visita durou um dia, mas foi tempo suficiente para que nossas memórias ficassem marcadas.

Ainda bem que foi possível registrar alguns momentos dessa visita, graças à câmera fotográfica. Bastou apertar um pequeno botão pra que essas

lembranças pudessem ser eternas.

Gostaríamos que fosse possível tirar uma única foto que mostrasse tudo! O pátio logo na entrada com um jardim lindo que transmite tranquilidade. Os quartos que possibilitam aquela soneca após o almoço. A sala daqueles que trabalham com muito amor e carinho. Enfim, vários e vários lugares e momentos.

Se fosse possível apenas uma foto revelar tudo, seria perfeito. Como nem tudo é perfeito, selecionamos as melhores fotos pra que você também possa acompanhar nossos momentos, nossas memórias eternas.



AFRANGEL

CAMPO GRANDE - OUTUBRO DE 2015

EM FOCO

CAMPO GRANDE - OUTUBRO DE 2015

EM FOCO